

Referências bibliográficas

A CIGARRA MAGAZINE. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro S. A., 1960-1970. Mensal.

ALMEIDA TELES, M. A. de. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

AZEVEDO, L. H. de. **Mulheres revistas: educação, sociabilidade e cidadania na revista**. 2002. 13 f. Artigo apresentado no XXV INTERCOM em setembro de 2002.

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BRAGA, A. **Corpo e agenda na revista feminina**. 2005. 24f. Publicação – UNISINOS, São Leopoldo, 2005.

BUARQUE DE HOLLANDA, H. **Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem** – vol.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

BUITONI, D. S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **Mulher de papel**. São Paulo: Summus, 2009.

BUSTAMANTE, P de M. **Velha república, novas vozes: literatura feminina do início do século XX no Brasil**. 1990. 39 f. Artigo – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 1990.

CHATAIGNIER, G. **Todos os caminhos da moda: guia prático de estilismo e tecnologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1991.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Senac, 2000.

_____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São paulo: Unesp, 2008.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Singular, 2002.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Modos de homem e modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009.

GAY, P. **A educação dos sentidos**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

HELLER, B. **Vossas filhas sabem ler?**. 2001. 17 f. Artigo apresentado no XXIV INTERCOM em setembro de 2001.

HOBBSAWN, E. J. **A era do capital**: 1848-1875. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **A era dos Impérios**: 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JACOBINA, E.; KÜHNER, M. H. (Org.). **Feminino/ Masculino**: no imaginário de diferentes épocas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

KAZ, L. (Org.). **A revista no Brasil**. São Paulo: Editora Abril, 2000.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo 1 - Neurose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

SILVA, C. da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

VENTURA, Z. **1968**: o ano que não terminou. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

VINCENT-RICARD, F. **As espirais da moda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**: uma visão rica e profunda da vida num ensaio sobre a mulher e a literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Anexos



Capa da edição de Janeiro de 1960 da revista *A Cigarra*.



UMA MULHER DIFERENTE...

... e mais fascinante do que nunca
 eis o que você poderá ser nesta estação.
 Sim,
 graças aos novos truques da moda,
 você tem em suas mãos
 o poder de aparecer
 perigosamente o seu "charme",
 o seu direito de ser feminina.
 Poderá tornar-se felina
 como um gato,
 se usar os macios tecidos
 recentemente lançados.
 Com a nova maquiagem
 seus olhos terão maior realce,
 e sua cutis um tom pálido e dourado de marcante encanto.
 Os penteados,
 menos volumosos, serão românticos,
 prendendo os cabelos em coques
 ou deixando-os fingidamente negligentes de modo jovial.
 Os seus "tailleurs"
 poderão tornar a silhueta extremamente juvenil
 tendo as "basques" curtas
 ou seguir,
 em variações,
 a austera linha masculina
 ou ainda, criar
 com o comprimento de seus casacos
 a ilusão de túnica que sempre dá esbellez.

Matéria publicada na revista *A Cigarra* em julho de 1960.



Tipo diáfano 1963

TEXTO DE WALDA MENEZES

FOTOS DE ALEXANDRE BARATTA

A ordem vem de Paris. E é preciso obedecê-la. Quanto antes, como convém a toda mulher que pressa sua elegância. Não adianta fazer-se de independente; em breve, passará por extravagante. Pois, essa "ilusão de ótica" que é a moda, tornará incongruente o uso de qualquer coisa que fuja aos seus ditames.
 Para confirmá-lo, basta olhar o passado e ver todas as "loucuras" que dominaram as mulheres, inclusive as mais ponderadas. Pois bem, agora, Paris, num gesto de grande temperamentalismo, tira fora tudo (ou quase tudo) o que fazia suspirar as elegantes de duas ou três estações atrás. Assim, a começar pelos tons do "maquillage", a mulher européia em 1963 será "outra": o corpo apenas delineado revela que ela é uma heróica seguidora de regimes. Espalga, de gestos lânguidos e felinos, de voz suave e baixa, os cabelos presos em coques severos, terá a mulher um ar diáfano, distante. Suas roupas deverão seguir esse ritmo, envolvê-la com arte e discrição. Resta saber, porém, como poderá esse tipo de mulher, feita de neblina e poesia, ser adotado neste nosso verão, pela brasileira que se doura ao sol e parece vender saúde...
 Para ajudá-las a decifrar a charada, escolhemos dez modelos de Elia Haouche que, dentro das novas tendências, têm charme e elegância.



Vestido gênero "jeune-fille" em sêda para um lookado de minúsculas minúsculas multicores bordadas em volta de decote e de coto. Extremamente gracioso, servirá para o noite, por sua talha obsequiosa.

Placa apresenta vest de "absoluta" de a tecido um grande que tem como detal e balão transpõe e põe a um outro

A moda para o verão é romântica.

Matéria publicada na revista *A Cigarra* em novembro de 1962.



EM DIA COM A MODA

WALDA MENEZES



Conita ...

Eis aí, portanto, dois pontos que, se grandes pretensões, darão um ar inteiramente novo a algumas peças de seu guarda-roupa, na nova estação.

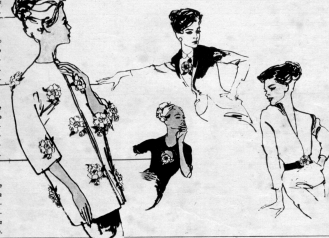
O "mantém" pode ser de qualquer branco ou oitoma. Importante é que as camélias sejam de diversos tipos e salpicadas com graça.

A blatinha tem colarinho d'ouro e um feitiço masculino cortado. A cambéla confere-lhe graça e brejeirice. É o feitiço da flor que volta.

Um debate profundo pode e deve ser encamoteado por a colocação estratégica de uma camélia. O pudor é o pretexto. Finalida-

Na cintura, uma faixa de tecido escuro fechada com um laço. Sobre este a parte da camélia. No conjunto, harmonia que renova um vestido já conhecido.

Camélia rediviva



Em muitos casos, o emagrecido reinou sozinho. Era ele que dava um ar de primavera nos chafizeiros severos, era ele que aparecia inesperadamente, de dentro de um bílis ou da copa de um chapeu. Não vamos dizer aqui que tenha perdido o seu lugar. Mas, dividia-o com outro elemento botânico de igual beleza e candura: a canela.

decote profundo, a graça de uma balsa de talho masculino... Por que? Porque a mulher, como todos sabem, lança mão de todos os artifícios para renovar sua beleza e, lembrando-se repentinamente que as filhas (com exceção de emogatas, é claro), estavam no estracote há muito tempo, resolver reeditar a comédia. Entre as peças de maior sensação em que ela comparece, está um caso para

GUY LAROCHE
cabele modado, tem
sempre uma gran-
de distinção, pedis-
sa Alexandre um
penetração especial.
Com o pente em que
os cabelos em dois
níveis formam uma
composição harmo-
niosa e admirável.

Carit quis algo romântico. Motivo: os vestidos de Pierre Cardin, sinuosos, flexíveis, sensuais, inspirados no que disse o costureiro ao tipo de sua ex-mulher Jeanne Moran. O resultado está na foto.

CABELOS LONGOS
IDEIAS CURTAS

[illegible]

Para Dior, as "Méchés Folles" de Alexandre. O cabelo todo levantado, armado em cachos que caem de maneira natural. Efeito ése que se obtém, graças à técnica, que permite criar na sala e deixar a ponta solta.

Carit quis algo romântico. Motivo: os vestidos de Pierre Cardin, sinuosos, flexíveis, sensuais, inspirados no que disse o costureiro ao tipo de sua ex-mulher Jeanne Moran. O resultado está na foto.

Primeira edição da coluna “Em dia com a moda”, publicada em outubro de 1968.



*As Últimas
da Moda*

WALDA MENEZES



O almoço em que você será a convidada de honra, a viagem para a Europa, enfim, a ocasião perfeita para pedem algo requintado, porém sem sofisticação. Uma variação "gelô" masculino em fina palha (fêlto, se preferir), adornado com petulante fita de tecido de gravação.

APÉUS, SIM SENHORA ...

... e por que não

passar a nós mesmas atestado de burrice, perdendo para sempre a sedução? Qual a mulher que não se torna mais bela, que não se torna uma "toilette" ao usar esse valioso complemento? É claro que não saber escolhê-lo, pois nada mais ridículo do que um chapéu de ferro com a silhueta, com o rosto, com o tipo de quem o usa. Mas é certo, não acontece com as nossas leitoras, que estas sabem apurar os nossos conselhos, baseados no que de melhor tem a moda atualmente interpretada para os nossos costumes e modo de vida. Com

[illegible]

UMA NOVIDADE
engraçada é a do modelo "trompe-l'œil". Isso trocado em mídios significa que, embora os olhos vejam um modelo em duas peças, trata-se de peça única, com efeito ilusório de casaco-e-jaia ou de vestido-e-túnica e por aí afora... Executados em tecidos de cores diferentes, o até num tecido especial que já tra desenhados os bolsos, gola, gravetos. É claro que se trata de peças para gente muito móda. E com gosto pela excentricidade.

— O LINHO
ou melhor, a "toile" continua pac
tuando com o verão francês. O qu

novamente este ano, pontificando "deux-pièces" e "tailleurs" bem e vaia. Trata-se, aliás, de um pacto falível entre mulher-e-tela-de-lit que será respeitado até nos trechos de noite.

estampada está sendo usada p
os "colares oxigênio", que no r



parisiense tornaram-se as "hostes" obrigatórias. Não se pretende que uma elegante não tenha ao menos um diler no guarda-roupa. Estamos quase apostando a moda vai pegar também por aí. O que não é de todo mal, se le guardardas as devidas precauções para que a mulher em plantas pontuais não caia no oposto do desejo: em lugar de moderno e sado, fique apenas... provincial. Bem, mas até é assunto que o futuro deverá resolver estudando as proporções, a silhueta, o tipo adaptando o modelo a cada um

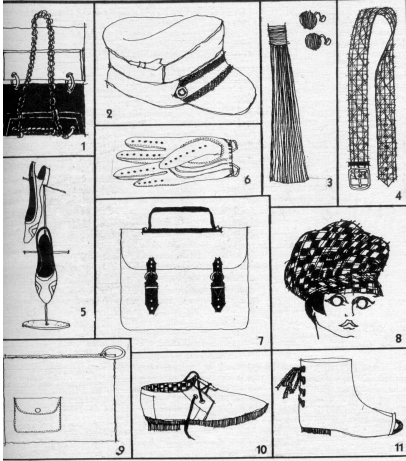
— OS ITALIANOS
preconizam o branco para a
te. Um *deux-pièces* como o da
ficará alinhadíssimo com pun-
gola bordados em pérolas prote-
e vidrilhos nimbantes. Tem a as-

Em agosto de 1965, a coluna mudou de nome passando a se chamar “As últimas da moda”.

as últimas da moda

Complementos têm importância

Para estar atualizado em questões de moda, é preciso conhecer algo da importância dos complementos. São acessórios em Gandy Street, de Londres, e no Faubourg St. Honoré, de Paris, que se especializam em criar acessórios capazes de dar alto à roupa mais banal e fazer ego to dono de um veículo do ano passado. Aqui vão alguns exemplos.



1. Você não está vendo debrado: a bolsa, ou melhor, as bolsas não são mais as mesmas, mas, no entanto, indispensáveis — uma preta, outra branca, ou, ainda, uma bege, outra café. O modelo é de Mary Quant; a ingenuidade que revolucionou a moda juvenil. 2. O boné militar não esqueça as orelhas coladas das mulheres e agora faz parte da guarda-roupa das garotas europeias. 3. A gravata pode ser de tecido estampado ou tricot, mas é importante que combine com as aberturas para dar graça aos "chemisiers" da estação. 4. "Madras" (inspiradas nos lençóis usados pelos nativos da Ilha de Madras) não servem só para as camisas esportivas masculinas. Os de duas ou três cores. 5. Geometria da cabeça nos pés: também os sapatos obedecem aos ditames da moda. 6. Lendas para guiar misturam o vermelho e negro em couro macio. 7. Esta "pasta", última palavra em bolsa, é do velho colé, tem alça e preguiças de couro. 8. "Viva Maria" tinha Brigitte Bardot de boné; em Londres a "bonitipe" Bonolis só vende artigos que os ditos laçans, e entre estes o boné do Ringo. Os criadores de moda misturaram tudo e deu este bonzinho engraçado, que fica bem nas mãos jovens. 9. Bolsa inspirada na pasta dos menageiros; é de crochê sintético e tem bolinhas "filhote". 10. O "tênis" reaparece muito sofisticado, em alto vito, forrado de "madras". 11. Bota à

Pleno inverno

Estação elegante por excelência, a uma verba que nem sempre está ao alcance. Daí que, no inverno, seja só um pouco de imaginação para o aspecto de roupas que já viram temporadas... Os casacos aqui apitados são dois bons exemplos. O primeiro foi adelgado; colocou-se dois na altura do busto e uma enorme de tricot de duas cores (as mesmas "tweed" em que é confeccionado) antes havia botões aparentes. Estes, porém, por baixo, a sua função: Para a noite ou para ocasiões mais tantes, coloca-se sobre essa uma pele (castor, vison) preta. E o resultado é o mais sedutor possível, aproveitando-se peças que já estavam em nosso rio. Mas atenção ao comprimento: ele que se julga a idade dos modelos, curta a bainha para que apareça o joelho, se não quiser adotar a elegância (que já está deixando de ser extravagância para tornar-se moda) mostrá-lo inteiramente.



Coisas da moda

Bom negócio, atualmente, em Paris, é investir em lojas de consertos. No inverno passado, muita gente fez dinheiro suspendendo bainhas. Na primavera europeia, surgiram fortunas à base de reformas, encurtando saias. Os grandes costureiros, de Féraud, o mais novo, a Dior, o racional, foram unânimes em suas coleções: nenhum cós-olho atrever-se-á a se esconder, só pena de parecer velho!

Os grãos da razão serão calculados à base de centímetros acima da rótula, de um — para as mais comportadas e sérias — a quatro — nas mais loucas... A história não conta como as mulheres poderão rentar-se de modo decente. Os manequins só desfilam em pé. Cada elegante, portanto, deverá resolver este problema a título individual.

Geometria flexível

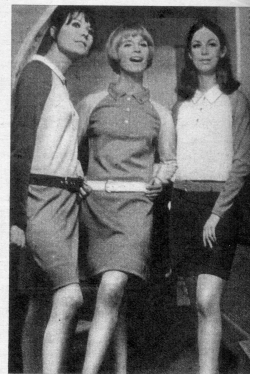
Uma vez admitidos os novos ditames, de que maneira sobreviver às dificuldades? Os vestidos deverão ser de talhe sóbrio, em linhas retas. Há 5 anos, isso se chamava "vestido-chemise". Volta agora mais jovem, tendo perdido, no caminho, as mangas e a gola, mas preservando o senso de humor.

Pode apresentar-se em "rubinhos" ou "manteaux-rolés", mas nunca — ou quase nunca — como "tailleur". Sobrevivem alguns boleros curtos, que não cortam a linha da silhueta.

Não se pode negar a influência de Courrèges, mas os criadores assimilaram suficientemente a lição de geometria para aliviar o rigor de suas linhas. Tecidos menos rígidos do que os do ano passado aproximam-se mais do corpo, em lugar de fechá-lo numa espécie de caixa, esculpida longe das linhas naturais.

Côr

A coisa fica um pouco triste se não transbordar de cor.



Tôdas as cores. Mas especialmente as de... rubor; da cereja à tangerina, do coral ao rosa-forte. O cúmulo da avidez será o de misturá-las, duas ou três. Audácia perigosa se não se souber torná-la sutil. Atirar dos vermelhos, dos amarelos, os verdes e os violetas seguirão em procissão.

O branco está presente mas não sai sozinho. O negro parece muito negro, o cinzento apresenta-se fechado, o marinho comparece, por vites, nos modelos para o dia. Como não se pode ter tudo, a moda — escolendo a cor — renunciou aos flores-dos. Alguns pespointos, poucos bolões discretos, um outro recorte embutido — eis todos os truques ornamentais. As filas, os rês, os painelamentos, os alisados de...

verão ser esquecidos durante algum tempo. Outros detalhes tomam: fivê; os sapatos. Todos os modelos se esculham a precisão. Sejam de Florence, da Casa Ricci ou Dior, esqueçam que a palavra "salto" existia ainda ano passado. Rasos, ou os saltos quadrados e baixos têm jeito infantil e os detalhes geométricos os enfletem.

As meias continuam a preferir-se segundo as circunstâncias: com o marinho elas são marinhas; com os rês elas podem ser transparentes. E assim, com o ano minio, vêm-se os prognósticos da moda confirmados quase inteiramente. Alta não é a revolução, mas perrebelemos: esta época...



Em junho de 1966, a coluna passa a ter duas páginas e ganha uma diagramação mais moderna.

EM DIA COM A MODA

WALDA MENEZES

A respeito de chapéus

FOUVE época em que uma senhora que ousasse sair à rua sem chapéu, seria considerada, no mínimo, indigna de respeito. Hoje, quando esse acessório ameaça tornar-se apenas uma palavra obsoleta no dicionário, parece mentira que já tenha tido o seu reino. No entanto, ironia amarga da sorte, há momentos em que ele se torna imprescindível. E aí (pobres das mulheres!) é que se vê como o seu desuso fez com que perdessem a graça necessária para ostentá-lo. Um chapéu elegante é algo difficilimo de conseguir. E quando se consegue, há a dificuldade de conciliar o porte com o volume que se deve equilibrar na cabeça. É quase tão difficil quanto usar um "manchon", coisa que para as nossas avós fazia parte mesmo da elegância cotidiana.

É por isso que vamos hoje tentar ajudá-las na maneira de escolher o chapéu que seja não apenas o "acessório obrigatório" a uma cerimônia de circunstância, mas o modo de tornar mais sedutor o rosto que emoldura.

Regras de bem comprar

Quando você sair em busca desse complemento — que tanto pode ser arma de sedução como motivo de desgosto para quem o usa — procure levar o modelo que vai usar, o que, no caso de um "tailleur" (quando você poderá levar apenas o casaco) se facilitará muito. É importante que haja harmonia entre os volumes, que chapéu e traje falem o mesmo idioma. Um vestido muito movimentado, com "rouches", drapeados ou acompanhado de um "manteau" (que hoje em dia se usa até mesmo confeccionado em musselina transparente, para casamentos) não se harmoniza bem com um chapéu, seja ele uma elegante "capeline" ou um "cloche" sensacional. Já o "forreau" sequinho pode ficar chiquíssimo com um chapéu volumoso.

O rosto, em primeiro lugar

Olhe-se ao espelho de corpo inteiro. A silhueta é muito importante, será o todo que atrairá os olhares. O rosto, porém, está em primeiro lugar. É ele que o chapéu deverá lisonjear. O ideal é o rosto oval. Quem o possui pode considerar-se feliz. É mais fácil de harmonizar-se com qualquer tipo de chapéu. Um rosto largo pede um chapéu com abas mais largas ainda que, no entanto, só serve para as que não forem de baixa estatura. O

chapéu pequenino deve ser evitado a todo o custo, para esse tipo de rosto, ou para as que tenham o maxilar largo (gênero Audrey Hapburn, de rosto "quadrado"). A face fina deve tratar de não sobrecarregar os traços delicados. O melhor chapéu para elas é o que tem as abas estreitas ou não as tem de todo.

Traços são importantes

Um nariz longo fica melhor com "bérêts" ou chapéus assimétricos. Nada de modelos que exponham drasticamente o rosto. Um queixo frágil ou pequeno pede, igualmente, um tipo de chapéu que contrabalance a sua falta. Deve ser evitado a todo custo o gênero que é jogado para trás.

Peso e altura

Resolvendo-se o problema do que fica melhor para o rosto, deve-se considerar o peso e a proporção. É fácil perceber erros muito evidentes como os que dão a uma mulher pequena o aspecto engraçado de um cogumelo, graças a um chapéu desproporcionado para o seu tamanho. Mas é necessário perceber também outros desequilíbrios, menos óbvios que, somente um exame acurado, objetivo, frio, revelará. A mulher não pode se "apaixonar" por aquele chapéu "que é uma graça, um amor, divino, irresistível". Ela tem que escolhê-lo, sopesando-lhe as virtudes, com a mesma frieza e cálculo com que compra... um quilo de carne!...

Para a mulher baixa, nada de imensas toucas de pétalas, nada de chapéus "à la Garbo". São benvindos os toques, as "pillboxes" altas (tipo Jacqueline Kennedy), ou os chapéuzinhos masculinos. Outro truque para criar uma ilusão de mais altura, é a de fazer os chapéus em cores claras, tênues, pálidas. Parece incongruentes, mas a mulher baixinha que usar sapatos e chapéu em tons suaves, marcará pouco as "extremidades", coisa que para a muito alta deve ser evitada. Esta diminuirá alguns centímetros, com um chapéu de cor viva.

Caráter

Não direi, como um conhecido chapeleiro francês que o caráter da mulher se revela pelo chapéu que usa ("A bonequinha gosta do "pillbox", a mulher de fibra revela-se pela "capeline" que usa, a mulher amadurecida usa um "bérêt" que demonstra o seu bom senso"), mas que ele ajuda a conhecê-la, lá isso ajuda!



SIM



NÃO

Mulheres pequenas ou baixas ficam bem com modelos nitidos, de corte simples acompanhado por chapéuzinhos que alongam a figura e a tornam mais fina.



SIM



NÃO

A mulher robusta ou muito alta não convém roupas muito trabalhadas ou chapéus drapeados. Fica mais dramática num modelo simples e "capeline".



SIM



NÃO

Um queixo frágil ou fugidio é bem contrabalançado por um bonêzinho alto como este extremamente gracioso e juvenil.

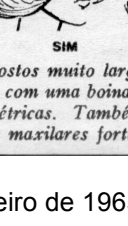


SIM

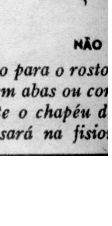


NÃO

Linhas assimétricas como a modelo "à la Garbo" dão brio ao nariz longo. O outro sem abas, o acentua muito.



SIM



NÃO

Rostos muito largos equilibram-se com uma boina de linhas assimétricas. Também as que têm os maxilares fortes ficam bem.



SIM



NÃO

O melhor estilo para o rosto o do chapéu sem abas ou cor estreitas. Evite o chapéu de largas que pesará na fisionomia.

Detalhe da coluna "Em dia com a moda" publicada em janeiro de 1965.

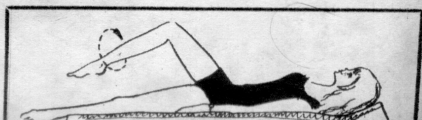


Paris descobre o joelho

Os joelhos estão na berlinda. Com a moda das saias curtas, tornaram-se há muito o alvo de todas as atenções. Duvidam? Pois observem a si próprias e às outras, quando se sentam nas poltronas modernas e baixas. Os vestidos retos sobem, e lá ficam os joelhos (que são o "calcanhar de Aquiles" de tantas...) em evidência. As manequins parisienses, com a graça que Deus lhes deu e que a arte aprimora dia a dia, atravessam apressadas o Bois de Boulogne, usando graciosos casacos do gênero colegial, bem curtos, e botas de cano longo, confeccionadas em couro de cobra ou de crocodilo. E o joelho, entre o casaco e a bota, bem à mostra... É natural, portanto, que mereça cuidados especiais.

As leitoras que ainda estão com a pele dourada do sol ardente destas manhãs de verão, devem pensar atentamente no problema. Breve, acreditem-me, estarão tratando do enxoval de inverno, e se podemos basear-nos nas experiências passadas, encomendando nos sapateiros as botas de cano alto, e, nas costureiras, os casacos curtos, de corte colegial. "Chi vivrá, verrá..." Mesmo que o nosso inverno não seja de matar "clochard", como acontece em Paris, será sempre o melhor pretexto para essa elegância requintada que reina uma vez por ano, de junho a agosto.

Recomenda-se para as candidatas ao "chic", do joelhinho à mostra, massagens com cremes nutritivos, joelheiras (que podem ser enfeitadas com rendinhas...) e exercícios (fazendo círculos com a perna estendida). Se não derem resultado, pelo menos para provar que não foi por falta de tentativas...



As "frangettes"

O nome nasceu de "Fran", de franja, e "Gette", combinação de Sufragista e Jato (em francês, Suffragette e Jet) e serviu para batizar um novo estilo de elegância apropriado para "jeunes filles en fleur", muito modernas, estritas e impecáveis... É um estilo que elimina o supérfluo, o "frou-frou", o engraçadinho, coisas com que muita gente confunde feminilidade. Até a franja que as "frangettes" usam, embora exagerada, é perfeitamente recortada, formando a moldura nítida, e severa de um rostinho mimoso. O chapéu pode ser enorme, mas tem as abas orladas de uma fita grossa, de gorgorão, que lhe dá um ar colegial, nem por isso menos austero. As saias, com pregas bem batidas, os "tailleurs" executados em tecido de gravata ("twill"), as golas engomadas, os casacos listrados ou quadriculados, as meias brancas, tudo lhes dá um ar ascético que — incoerência das incoerências — pode ser extremamente provocante! E isso torna a nova moda muito agradável, sem dúvida.



Detalhe da coluna "Em dia com a moda", de março de 19

Detalhe da coluna "Em dia com a moda", de maio de 1965.

As Últimas da Moda

WALDA MENEZES

DIRETAMENTE DE PARIS (Via Air France)

A musa - 1965
(por enquanto)
tem palidez
romântica



É preciso um ar fúnebre para estar perfeitamente "à la page" no mundo da moda. Como ficaria feliz Baudelaire se pudesse conhecer as musas modernas, ver com que alegria escondem a cor das faces jovens sob camadas de pálido pancake, assisti-las ao envergarem fantasmagóricas meias brancas e escorregadios vestidos negros.

*"Dans une terre grasse et pleine d'es-
[cargots]
Je veux creuser moi-même une fosse
[profonde,
Où je puisse à loisir étaler mes vieux os
Et dormir dans l'oubli comme une requin
[dans l'onde."]*

Ninguém cantou melhor a morte do que esse "alegre morto" que a saudava com romantismo, em seus versos precisos. E ninguém parecerá mais saudável e feliz do que a mulher moderna que se fantasia funèramente para estar na moda e ser absolutamente "sensas", como se diz por aqui.

A cor predominante nos trajes 1965 é o preto. É verdade que deixa entrever, generosamente, largas porções de pele que, sempre para acompanhar a moda, deve ser desbotada, a todo o vapor. Nada de tons dourados, de epidermes iridescentes, estuantes de vitalidade, rescendendo a algas marinhas, areia e sal. Os centros lançadores inventaram essa mulher esguia e falsamente lânguida para contrastar a sua palidez marmórea com o negrume dos vestidos coleantes. Como o conseguiram, depois do verão que

biquínis? Para começo de conversa, ordenaram — e foram obedecidos pelas dez mais das listas de elegância que, por sua vez, tiveram legiões de imitadoras — que cada exposição ao sol fosse feita sob trajes protetores, albornozes de beduínos, pelerines de toalha, "sombrosos" à la Vive Marie etc. etc. Assim, a cutis da musa 1965 foi preservada. Depois, exigiram que reaprendesse no dicionário o valor da palavra pudor. Ou, pelo menos, fingisse adotá-la como molde tartufano. Os biquínis do ano passado cederam lugar aos maiôs inteiriços — sempre prêtos — alguns recobertos de renda ou malha de crochê bem... ventiladas... O resultado foi um incremento nas vendas dos magazines especializados em artigos femininos. Nos Estados Unidos, trajes prêtos saíram na proporção de 3 para 1 de outras cores. Na Grã-Bretanha, os estilos mais audaciosamente "fúnebres" tiveram aceitação imediata. Em Paris, o preto é *chic* não apenas à volta da piscina. Vinte e quatro horas por dia é ele a *vedette* em "tailleurs", em longos de chifon ou em vestidos ligeirinhos. Na Austrália, terra em que os estilos de roupa de banho têm grande importância, a dama de preto domina em todas as funções depois das cinco da tarde.

E no Brasil? Poderá o preto voltar à berlinda, agora que o verão se anuncia e a praia (com sol bem mais ardente do que o anêmico astro rei que bafeja a Côte durante o curto verão) impede a palidez ideal para contrastar com ele? Vamos esperar para ver... Por enquanto, porém, a idéia do maiô com rédes pode ajudar a passar o sa-

Detalhe da coluna "As últimas da moda" publicada em novembro de 1965.

As Últimas da Moda

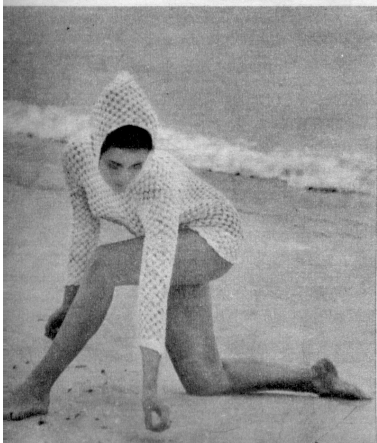
WALDA MENEZES

A mulher 66

Estamos em pleno novo ano, à espera dos lançamentos da "haute couture". Sentimos, porém, que certas influências e modificações ocorridas na moda surgiram para ficar. A resistência inicial sucede-se, como sempre acontece, a aceitação, suscitada pelo hábito. É a insistência dos costureiros em manter determinadas linhas e a receptividade a elas por parte de certas mulheres-chaves da moda que faz com que as outras, as simples mortais, acabem por adotá-las ou, pelo menos, por admiti-las.

Os joelhos à mostra, que tanta celeuma provocaram, já estão na ordem do dia, e em Paris, mulheres de todas as idades exibem-nos desontradas. É verdade que esse detalhe faz parte de um todo: se o vestido é curto, suas linhas têm de ser audazmente espaciais, acompanhadas por botas de cano curto, chapéus-capacetes, tudo lembrando que estamos sendo influenciados pela era cósmica e pelos vãos dos astronautas. É preciso, aí, que a silhueta acompanhe a intenção da moda e cada tenha de barrôca ou renascentista. Linhas retas e não mais arredondadas, como as que marcavam a feminilidade há pouco tempo. Se a natureza não às providenciou como manda o figurino atual, não importa. As dietas, as massagens, as saunas, as ginásticas estão aí, ao alcance de todas, e, como por milagre, começam a proliferar os tipos Courtyes, como cogumelos que surgissem facilmente depois de uma noite de chuvas. É impressionante a facilidade que a mulher tem de adaptar-se e, mesmo, mudar inteiramente rosto e forma, a seu bel prazer. Foi assim na era do "jazz", quando conseguiu camuflar-se de efebo, estreitando os quadris, achatando o busto, alongando as pernas, afinando os braços, arrebitando o nariz, tudo sem a mágica da cirurgia plástica de nossos dias! Isso que parecia milagre, saída que era ela de uma época de espartilhos rígidos, cinturinha de vespa e colo de pomba, hoje em dia, com a vida ao ar livre, o corpo quase inteiramente desnudado ao ar, os gestos flexuosos à força de esporte, será mais fácil ainda...

Vaticinamos, pois, que a mulher-66 em tempo de moda, será ainda mais esportiva, "degagée" e desinibida. Adotará "in totum", ou em parte, a linha espacial e se deleitará em recriar a própria feminilidade, custa de artifícios bem dosados. Os homens... Bem, os homens acabarão por aceitá-la... E se não o fizerem, não importa. A mulher, todo mundo sabe, veste-se para as outras mulheres.



Este suéter que imita malha de renda apresenta novo comprimento num elegante modelo rosa para ser usado na praia ou em local favorito de verão. A sua silhueta, despojada, desbastada em sua simplicidade, seria absolutamente inadmissível há coisa de alguns anos. Depois que o primeiro Sputnik subiu aos céus, todas as audácias são permitidas. Pois não tiveram elas a suprema ousadia de cortar os cabelos "à la garçon" e encurtar as saias, numa

DERNIER CRI

A qualquer hora do dia a moda é despojada e, mesmo, ousada, tem linhas simples. O que torna um vestido mais ou menos «habillé» é o tecido em que é confeccionado. Assim, a malha fina por excelência, pode tornar-se modelo para coquetel, se for tremada com fios iridescentes. O prata e o ouro rebordam e cloquês, tornando-os importantes e capazes de comparecer a mais requintadas reuniões. Até o cânhamo trabalhado com fios de ouro pode transformar-se em tecido importante.

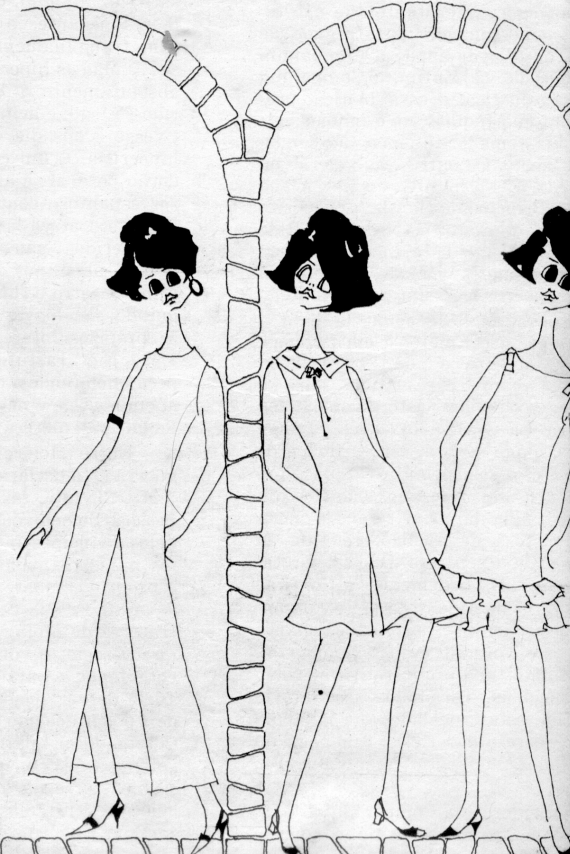
Os modelos que aqui apresentamos, criações de Sabrina, são exemplos das linhas que predominam na moda atual. Senão, veja:

1. O «palazzo pijama» extremamente original, é composto de calças longas e estreitas, cobertas por uma túnica aberta na frente. É em lamê cor-de-rosa, e que lhe dá um efeito das mil e uma noites.

É uma bonita criação de Sabrina, de um preto esportivo.

2. Um vestido com saia-calça, em linho absinto, pode ter a gola branca de malha atravessada por uma fita que termina em laço na cor do modelo.

3. Musselina rosa-azulada foi escolhida para este «habillé» que só pode ser usado depois das sete da noite. O decote «bateau» é lido por dois lacinhos faceirosos os ombros, e nas costas sua-se mais. Os babados zizados acentuam o ar «tante» do modelo.



Detalhe da coluna "As últimas da moda" publicada em fevereiro de 1966.

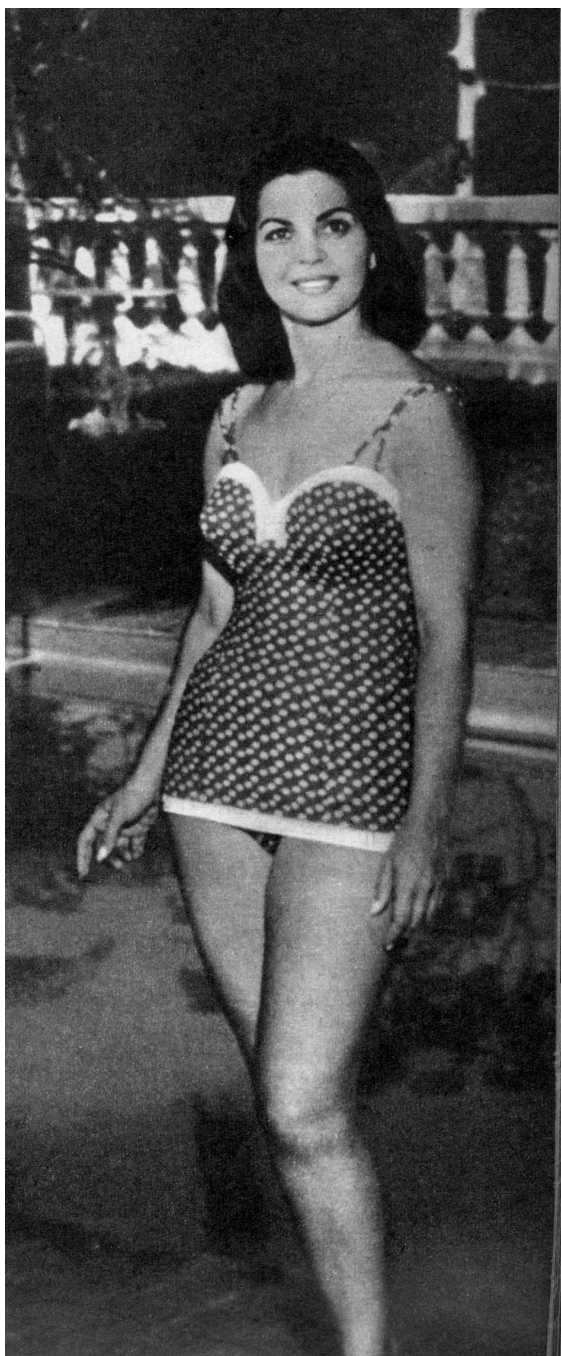


Foto de uma modelo brasileira publicada na revista *A Cigarra* em fevereiro de 1962.



Foto de uma modelo estrangeira publicada na revista *A Cigarra* em janeiro de 1962.



Seção “O Cantinho das Mamães”, publicada na edição de janeiro de 1964.

EM DIA COM A MODA

WALDA MENEZES

Sei deis sapatinhos: Victor José e Paulo. Ela está com um conjunto de malha, blusa azul e bermuda, calça branca. Ela tem um pedaço em azul de pedras verdes e brancas. Como desenho, a garotinha que é a menina e está a trabalhar com uma flor em malha. Sempre coloridinha.

Ela é um pedacinho de gente com menos de um metro de altura. Mas já sabe o que quer, já sabe o que lhe vai bem. Validade feminina a despretar-lhe certo? Não é bem isso.

Eu também, no Antigo Regime, usava-se enfiar as crianças em tiras de pano. Quanto mais elevada a categoria social a que o bebê pertencesse, tanto mais fortemente era apertado. Os hábitos se modificaram, o martírio afrumou, mas somente a pouco tempo é que lapideiras e pedras começaram a combater o apertado e o inconveniente na roupa infantil. Não se admite mais o crescimento dos movimentos do bebê que, graças ao prenatal radiu, chega cheio de disposição, o olhar vivo, as minúsculas inquietas. As avós, que se lembram do tempo em que se esperava uma semana para ver o bebêzinho abrir os olhos, ficam surpresas com o desenvolvimento a jato do bebê. E a mãe, lúcida e inteligente, aceita a naturalidade a eliminação de laparotes, redas e balaios no estoval do pequenito.

Daí que a mentinista da foto, habituada à roupa enrijida e desenhada, já sabe escolher no guarda-roupa os vestidinhos de sua preferência. Ela tem uma série deias na linha bábado e trapêz, alguns cortados na cintura, e uma profusão de malhas. No inverno, foram estas — principalmente as de linha, porque a senhoria em questão não aprecia a li — que ela usou, em listrinhos, blusas com saias pregueadas, “blazers” e até mantosinhos. Na mais-estação, ela ainda se usava à tartaninha. De machê, daria preferência aos algodões, as talas de linho de trama aberta, às jardineiras de linho e — nos monaquês. Sim, porque

GENTE MIÚDA TAMBÉM SABE O QUE QUER

Eu também sei o que é menina. Eu sou um modelo de de uma flor. Eu sei o que é menina.

Eu sou um modelo de de uma flor. Eu sei o que é menina.

Matéria sobre crianças da coluna “Em dia com a moda” de outubro de 1964.

as últimas da moda

OUTUBRO É DAS CRIANÇAS

Vamos festejá-las com roupa nova! Mas bem de acordo com a moda atual, que abole fraldas, fitas e bordados, e ganha em corte, em desabastamento, em adornos próprios à idade. Tudo alegre, moderno, arejado. Coisas assim como os modelos do desenho, criados por Fernanda Esteves na sua boutique Bebê Conforto.

Dea Conforto

- 1 Menino e menina têm roupas parecidas: Em linha, quadrada azul e branca, com detalhes em azul: parte subpente com laços e laços.
- 2 Vestido tubinho, em linha azul, dobrado nas costas gola e barra em tecido rodado. A aplicação na frente, como mostra o desenho, tem uma corinha bordada no centro, com franjas.
- 3 “Slack” de linha, composto por calça verde-oliva e blusa quadrada verde e branca, com gola e detalhes na gola da calça. A boca diferente é o bôbo que a calça tem na perna.
- 4 Outro vestido-verde, em linha crua, com aplicação de uma rodela formada por pequenas fitas. Tem fita debravada.

Matéria sobre crianças da coluna “Últimas da moda” de outubro de 1966.